

A gramática de Álvares (1594): a edição de Amakusa¹

Alvares' grammar (1594): the Amakusa edition

Carlos Assunção*
Masayuki Toyoshima**

RESUMO

Entre todas as edições da gramática de Álvares, a edição de Amakusa (1594) merece especial atenção, não só por ser o primeiro tratado gramatical a mencionar os paradigmas verbais japoneses na imprensa, mas por ser a primeira adaptação da gramática jesuíta fora da Europa, tendo sido criada num contexto missionário bem definido. Através de uma análise contrastiva com a edição de Lisboa (1573), pode concluir-se que esta foi a gramática que serviu de base à elaboração da edição publicada em Amakusa, que tem algumas características únicas, como o facto de ter sido a primeira a ser publicada no Oriente em formato impresso, no contexto de um número crescente de estudantes nas escolas jesuítas japonesas.

Palavras-chave: Gramática alvaresiana; Línguas Latina, Portuguesa e Japonesa; Gramaticografia.

Articelistas convidados

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.508>

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, cassunca@utad.pt, orcid.org/0000-0002-5739-0754

**Universidade Católica Sofia, mtoyo@joao-roiz.jp, <https://nrid.nii.ac.jp/nrid/1000010180192>

1 Este texto é uma versão em português, com algumas alterações, do artigo "The Amakusa Edition of Álvares' Grammar (1594): Sources and Innovation", **Onomázein** 41, 57-77.

ABSTRACT

Amongst all the editions of Álvares' grammar, the Amakusa edition (1594) merits special attention, not only for being the first grammatical treatise to mention Japanese verbal paradigms in print, but for being the first adaptation of the Jesuit grammar outside of Europe, having been created in a well-defined missionary context. Using contrastive analysis with the Lisbon Edition (1573), it can be concluded that this was the grammar that served as the basis for drawing up the Amakusa grammar which has some unique features such as being the first to be published in printed form in the East, in the context of increasing numbers of students in Japanese Jesuits schools.

Keywords: Alvaresian grammar; Latin, Portuguese, and Japanese language; Grammaticography.

1. Introdução

Em Portugal, a gramática latina conheceu um desenvolvimento crescente a partir do final do século XV, com um incremento significativo na segunda metade do século XVI. A gramática do jesuíta Manuel Álvares, intitulada *Emmanuelis Alvari è Societate Iesv de institvtione grammatica libri tres* (Lisboa, 1572), contribuiu muito para isso, uma vez que se espalhou rapidamente por todos os continentes e atingiu números editoriais verdadeiramente impressionantes.

A edição japonesa da gramática do Padre Manuel Álvares é uma versão oriental da edição de Lisboa, 1573, que, por sua vez, é uma versão concisa da edição mais conhecida desta obra, *De Institutione Grammatica Libri tres* (Lisboa, 1572), que foi transformada no texto oficial de toda a Companhia de Jesus na Europa, Ásia e América. Na América, a gramática de Álvares foi impressa no México (1579) e essa edição foi intitulada *De constructione octo partivm orationis*.

A edição de Amakusa serviu como livro de texto obrigatório para todos os estudantes japoneses que estudaram nas escolas de Nagasáqui e de Amakusa. Para auxiliar esta função pedagógica, foi feita uma descrição contrastiva das classes de palavras, incluindo conjugações verbais do latim e do português com tradução para o japonês romanizado.

O âmbito deste estudo é fazer uma breve incursão através das edições da gramática de Álvares, demonstrando, por meio das respectivas estruturas e conteúdos, que a edição que serviu de suporte à gramática de Amakusa é a edição de Lisboa de 1573. Este estudo pretende também evidenciar as contribuições inovadoras desta gramática em relação à mencionada edição de Lisboa.

2. Edições da gramática de Álvares

Desde a publicação do artigo do jesuíta italiano Emilio Springhetti (1961-1962), a afirmação de que há um total de 530 edições da gramática de Álvares em todo o mundo tornou-se uma ideia generalizada.² Enquanto Springhetti consultou a bibliografia de obras jesuítas de Backer, Backer e Sommervogel (1890-1916),³ bem como fontes bibliográficas anónimas, a sua obra, por exemplo, antecedeu o repertório bibliográfico posterior, ACL (1983), que inclui resultados derivados de pesquisas realizadas em bibliotecas públicas portuguesas. Além disso, pesquisas recentes em catálogos de bibliotecas de todo o mundo levaram ao estabelecimento de um número consideravelmente maior de edições - a recente coleção virtual de referências bibliográficas, LUSODAT⁴, lista 651 edições completas ou parciais da gramática de Álvares, de 1570 até 1974. Ainda que esta lista de edições seja impressionante, não pode, contudo, de modo algum, ser considerada completa. Entre outras edições que conhecemos, o repertório *online* não só carece de qualquer referência à primeira edição da gramática a ser impressa em Espanha (Saragoça, 1979), mas também àquela que foi identificada mais

2 Assunção (1997, p. 9) acrescenta a mais recente edição portuguesa (Álvares, 1974) ao número mencionado por Springhetti.

3 Springhetti (1962-1963, p. 304) identifica as fontes para a sua síntese estatística da seguinte forma: “*Questa statistica, compilata sul Sommervogel, op. cit. e su ricerche personali, è imperfetta e certamente suscettibile di notevole aumento*”.

4 <http://www.ghc.usp.br/lusodat.htm>.

recentemente como a primeira edição do que Springhetti (1961-1962): 291) caracteriza como “*arte pequena sin comentarios*”, ou seja, “a pequena gramática sem comentários”, um termo aparentemente utilizado pelo próprio gramático na sua correspondência espanhola com os seus superiores em Roma, quando se referia à edição publicada em 1573 (KEMMLER, 2015, p. 2-3).⁵

A *editio princeps* da gramática de Álvares é hoje principalmente conhecida devido à impressão fac-símile moderna da gramática (1974). De acordo com Kemmler (2015, p. 2-3):

in spite of the existence of some recent studies of significance (Ponce de Leon Romeo, 2002; Gomez Gomez, 2002) dedicated to the 1572 *editio princeps*, and despite even the considerable number of scientific publications that have been dedicated to several aspects concerned with its later and especially foreign editions (Ponce de Leon Romeo, 2000, 2003, 2007; Kemmler, 2012), we still remain far from a complete understanding of some of the most important questions related to Álvares’ grammar.

A existência de uma *editio princeps* da *arte pequena* com o mesmo título foi, até há pouco tempo, desconhecida⁶. Tanto as referências do autor à

5 Referindo-se a Verdelho (1995, p. 458) como fonte para a distinção terminológica, Iken (2002, p. 57) utiliza coerentemente os termos 'arte maior' vs 'arte menor'. De acordo com as suas fontes, Verdelho (1995) usa as duas variações terminológicas. Se considerarmos os termos latinos 'ars maior' vs 'ars menor' para a obra do gramático romano Aelius Donatus, não podemos deixar de pensar que o uso dos termos parece não ter qualquer consequência, se houver um uso coerente.

6 Iken (2002, p. 60) refere a existência de uma edição de 1573 sem apresentar mais pormenores bibliográficos, para além de ter encontrado tal referência em Verdelho (1995). Doi (1933), Fukushima (1973, p. 36) e Yamazawa (2006, 2008) assumem que a edição de Amakusa se baseia numa versão abreviada da gramática de Álvares, mas nenhuma destas se refere a uma edição específica. Gehl (2003) menciona a existência de duas correntes diferentes de edições, ou seja, edições para professores e edições (“*arte pequena*”) para estudantes, mas não alude a uma edição de 1573 (primeira) para esta última. A primeira referência à existência de Álvares (1573) juntamente com os correspondentes detalhes bibliográficos foi feita por Kemmler (2015).

versão não anotada da gramática, como a existência da cópia anteriormente desconhecida de Álvares (1573), que é desprovida da maioria dos textos explicativos (chamados *scholia*⁷), mostram que a edição de 1573 deve, de facto, ser vista como o início de uma tradição independente da *arte pequena*.

De facto, o termo *arte pequena* (gramática menor), por oposição à *arte grande* (gramática maior) de 1572, foi aplicado às gramáticas de Álvares por antigos gramáticos portugueses, como podemos ver, por exemplo, no caso do manuscrito de meados do século XVIII *Álvares vindicado nas Notas, que proximamente se lhe oppozeram no prologo do Novo Methodo da Gramática Latina*.⁸ Neste manuscrito ainda inédito sobre a polémica de 1750 acerca da gramática de Álvares, os dois primeiros capítulos “*Notas á arte do Padre Manuel Álvares e suas respostas*” (fols. 2 r-50 r) e “*Notas á arte pequena do dito Padre, e suas respostas*” (fols. 50 v-57 r) são claramente dedicados às duas versões da gramática jesuíta.

Como pudemos verificar no decurso de uma observação preliminar, a gramática latina de Amakusa (1594) parece partilhar algumas semelhanças com a primeira edição da *arte pequena* (Lisboa, 1573). Nos parágrafos seguintes, apresentaremos as características das duas edições, a fim de permitir uma comparação da estrutura e de alguns dos conteúdos das duas edições.

2.1 A *arte pequena* (Lisboa, 1573)

Desde o estabelecimento formal da censura literária em Portugal, em 1536, as licenças de publicação impressas juntamente com os livros censurados permitem uma visão da história dos livros portugueses. Assim, sabe-se que a primeira edição da *arte grande* foi publicada como resultado

7 O único exemplar conhecido desta edição (1573, Lisboa) conserva-se na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a identificação VT-18-7-3.

8 O manuscrito encontra-se na Biblioteca Pública de Évora (cota CXIII/2-21; cf. CARDOSO, 1994, p. 131).

das licenças da Inquisição datadas de 9 de setembro de 1572. As respetivas entradas mostram que o processo de licenciamento da *arte pequena* (gramática mais pequena), com o título inalterado *Emmanuelis Alvari e Societate Iesv de institvtione grammatica libri tres*, foi concluído em menos de três meses:

VI os tres liuros de Instituição Grammatica do padre Manoel Aluares da Companhia de Iesu, os quaes não tem cousa que contradiga aa fê, nem aos bons costumes, antes aproueitaram muito aos que estudão Latim & poesia. em Euora oje primeiro de Ianeiro 1573.

Dom Afonso de Castelbranco.

Aprovação do conselho Real do sancto officio. [Alvará do Conselho Real do Sancto officio].

Vista a censura podese imprimir esta arte. em Euora a cinco de Ianeiro. de 1573.

Manoel Gonçalves de Camara & Manoel de Coadros.

Para além da data que mostra que a edição de 1573 foi licenciada a 1 de janeiro de 1573, a única diferença entre as duas licenças gramaticais é a troca entre os representantes do Conselho Real Português da Inquisição: enquanto na edição de 1572, o Provincial Jesuíta Leão Henriques (1515-1589) assina como segundo membro; na edição de 1573, a segunda assinatura pertence a Manoel de Coadros.

Entre os outros paratextos que são reproduzidos na edição de 1573, está o privilégio de impressão real datado de 14 de setembro de 1567, que deu ao impressor João Barreira tanto a permissão como o direito exclusivo de imprimir todos os manuais universitários dos Jesuítas de Coimbra durante oito anos (fols. [III-IV]). De igual importância é o prefácio do autor (1573, p. [V-VI]), que consiste na reprodução do texto da edição inicial (1572, p. [V-VII]).

Há, contudo, um texto chave que não aparece nesta edição (1572), o pequeno texto “*Auctor Lectori*”, que, pelo menos na tradição portuguesa,

aparece em todas as edições *da arte pequena* desde a primeira edição em Lisboa, em 1573:⁹

Auctor Lectori. / Libros de Grammatica Institutione, quos nuper explanationibus illustratos edideram, compulsus sum Lector humanissime nudos ferè, ac luce priuatos, diligentius tamen correctos denuo foras dare: tum ne scholiorum multitudine impedirentur tyrones, tum vt eis non solùm ad diuites, sed etiam ad tenuiores, (quorum multo maior semper fuit copia) aditus pateret. Quare te etiã, atque etiam rogo, vt eorum tenuitatem, vel nuditatem potiùs boni consulas. Vale.

Neste paratexto bastante interessante, o autor queixa-se de ter sido forçado a reeditar a sua gramática sem os comentários perspicazes dos *scholia*: os comentários gramaticais, críticos, ou explicativos que são típicos das *editiones princeps* da *arte grande*. Na percepção de Álvares, a eliminação da maior parte dos *scholia* torna a gramática “quase nua e privada de brilho”, facto que ele explica referindo-se à intenção do seu superior de evitar um número elevado de *scholia*, facto que elevaria o preço do livro que passaria a ter um formato *in-quarto* e poderia dificultar ou mesmo impedir o seu acesso por parte de principiantes ou estudiosos com menos recursos económicos.¹⁰

De facto, faz sentido que este paratexto prefacie todas as edições da *arte pequena* em Portugal e no estrangeiro, pois explica as alterações feitas em relação à *arte grande*, que poderia então ser entendida como uma espécie de ‘manual do professor’.

9 Como a gramática é de origem portuguesa, consultámos um número considerável de edições portuguesas do século XVI ao XVIII. À semelhança da primeira edição, o texto não aparece na última edição portuguesa da *arte grande* que foi revista e estabelecida por António Velês (Álvares, 1599). No entanto, todas as edições portuguesas posteriores reproduzem este paratexto sem alterações consideráveis.

10 A edição da *arte pequena* de Lisboa (1573) é em formato *in-oitavo*.

2.2 Cópias existentes da edição de Amakusa (1594)

Sem quaisquer licenças, a edição japonesa *Emmanuelis Alvari e Societate Iesv de institvtione grammatica libri tres: Coniugationibus accessit interpretatio Iapponica* foi publicada onze anos após a morte do autor, em 1594, pelo Colégio Jesuíta Japonês de Amakusa.¹¹ Apenas dois exemplares desta edição são conhecidos: um encontra-se na Biblioteca Pública de Évora, Portugal, e outro na Biblioteca Angélica, em Roma, Itália.

A edição de Amakusa (japonesa) é em formato *in-quarto* e ocupa um total de 170 fólios, maioritariamente paginados e impressos em papel *torinoko*¹² japonês. O exemplar de Évora, de 22,7 x 15,7 cm,¹³ tem uma capa de cartão colado de pele de bezerro, com quatro cordas em relevo. Uma pasta e duas folhas de papel ocidental foram adicionadas em ambos os lados da capa, respetivamente, e um fragmento de um incunábulo não identificado de *Missae de nomine Iesu* (possivelmente *Missale ad usum insignis ecclesiae eboracensis*) é utilizado como forro da capa.¹⁴

11 Entre outros estudiosos, Matos (1993: 164) refere que pode ter havido uma edição de 1593 da gramática de Amakusa. No entanto, como o autor afirma que “*um exemplar encontra-se na Biblioteca Angélica, de Roma, e outro na Biblioteca Pública de Évora*”, pode concluir-se que a indicação na página de rosto “M. D. XCIIIIII” (em vez da tradicional “M. D. XCIV”) poderia ter levado a esta interpretação errónea.

12 *Torinoko* é um tipo específico de papel japonês com uma superfície lisa e é lustroso, fino e bastante resistente. Os jesuítas no Japão utilizaram papéis *torinoko* (assim chamados nos inventários jesuítas) para as suas publicações em caracteres latinos em registos oficiais e em correspondências com Roma. Para publicações em caracteres japoneses, utilizaram *minogames*, ou seja, papel de amora.

13 A cópia Angelica é ligeiramente mais pequena, 21,0 x 15,0 cm, porque foi, por vezes, profundamente aparada durante a encadernação.

14 Na capa está impresso um bilhete “*IV CENTENÁRIO / DA FUNDAÇÃO / DA UNIVERSIDADE / DE ÉVORA*”, anexado por ocasião da exposição (1959) comemorativa do 4.º Centenário da Universidade de Évora, no qual a edição de Amakusa foi a 86.ª exposição. Na contracapa, está colado um cartão da biblioteca que diz “*Esteve esposto na Europália 89 / Japão*”.

A cópia da biblioteca Angélica também tinha uma capa de cartão de pele de bezerro colada, mas foi recentemente remodelada, com fragmentos da capa antiga colados na nova capa moderna, com três cordas em relevo. A cola usada para fixar um fragmento de uma folha impressa do *Guia do Pecador* (1599, Nagasáqui) como forro, que atualmente está destacado, foi substituída por uma cola moderna. Na folha de rosto está escrita uma dedicatória “*Anno Domi [...] 1605 / Petrus Antonius A [...] Iapp [...] / hũc librũ dono dedit / Bibliothecae / A[...]ae / [...]*”. A última linha da dedicatória (que poderia ser uma assinatura) está riscada e é ilegível.

As duas cópias diferem ligeiramente nas correções de erros tipográficos: 3v (a cópia Angelica (A) corrige o erro na cópia de Évora (E)), 20r (E corrige A), 23v (E e A estão as duas erradas), 30r (E corrige A), 100v (A corrige E). As interpolações ocasionais existem apenas na cópia de Évora.

De acordo com o anúncio do subtítulo (“*Conjugationibus accessit interpretatio japonica*”), a edição japonesa distingue-se das edições 'simples' da gramática de Álvares pela adição das conjugações japonesas às conjugações latinas e portuguesas que já faziam parte das edições portuguesas da *arte grande* e da *arte pequena*.

2.3 Estrutura das edições de Lisboa (1573) e de Amakusa (1594)

Existem duas comparações estruturais entre a edição 1572 e a edição 1573 (KEMMLER, 2015, p. 10-13; KEMMLER, 2014, p. 49-53) que diferem apenas pelo facto de uma publicação estar em português e a outra em inglês. Outra publicação (Assunção e Toyoshima, 2012, p. 263-265) faz uma comparação estrutural entre a edição 1573 e a edição de 1594.

Com base no pressuposto de que a edição de Lisboa (1573) e a edição de Amakusa (1594) pertencem à tradição da *arte pequena*, é importante atentar na estrutura de ambas:

Tabela 1. Estrutura da edição de Lisboa (1573) e da edição de Amakusa (1594)

Títulos dos capítulos	Lisboa 1573 (L73)	Amakusa 1594 (A94)
[folha de rosto]	[I]	[1]
[licenças]	II]	-
[página em branco]		[1 v]
PRIVILEGIO Real.	[III-IV]	-
liber i.	[V-VIII], 1 r - 58 r	2 r - 92 v
PRÆFATIO.	[V-VI]	[2 r - 2 v]
Auctoris carmen ad Librum. / Idem Christianum præceptorem	[VII]	[3 r]
Auctor Lectori.	[VIII]	[3 r]
ADMONITIO.	-	[3 v]
[DE NOMINVM DECLINATIONE] ^{a)}	1 r - 6 r	4 r - 8 v
[DE PRONOMINVM DECLINATIONE] ^{b)}	6 r - 9 r	8 v - 12 r
DE VERBORVM CONIVGATIONE.	9 r - 30 r	12 v - 62 v
De verbis anomalis.	30 v - 34 v	62 v - 67 v
De uerbis Defectiuis.	34 v - 35 r	67 v - 68 v
De verborum Impersonalium declinatione,	35 v - 36 r	68 v - 69 v
RVDIMENTA siue de octo partibus Orationis,	36 v - 45 v	70 r - 78 v
DE GENERIBUVS nominum, quæ ex significatione cognoscuntur.	45 v - 48 r	78 v - 82 r
De nominum Declinatione,	48 v - 54 v	82 r - 89 r
DE VERBORVM præteritis et supinis.	55 r - 58 r	89 r - 92 v
DE OCTO PARTIVM ORATIONIS CONSTRVCTIONE LIBER II.	58 v - 104 v	93 r - 157 r
De Constructione Intransitiua.	58 v - 61 v	93 r - 96 r
De Constructione Transitiua nominis.	62 r - 67 r	96 v - 101 v

continua

Títulos dos capítulos	Lisboa 1573 (L73)	Amakusa 1594 (A94)
[DE CONSTRVCIONE transitua verbi.] ^{e)}	67 r - 71 r	102 r - 105 v
DE CONSTRVCIONE verbi activi. ^{d)}	71 r - 81 v	106 r - 115 v
CONSTRVCIO VERBI INFINITI. ^{e)}	81 v - 86 v	116 r - 120 v
CONSTRVCIO TRANSITIVA PRONOMINIS.	86 v - 89 r	120 v - 122 v
PRÆPOSITIONVM CONSTRVCIO.	89 r - 91 v	122 v - 125 r
CONSTRVCIO ADVERBIL.	92 r - 96 v	125 v - 129 v
Interiectionis Constructio.	96 v - 97 r	129 v - 130 r
CONIVNCTIONIS Constructio.	97 r - 99 v	130 r - 132 r
DE FIGVRATA constrvctione.	99 v - 104 v	132 v - 137 r
DE GRAMMATICA INSTITVTIONE <i>LIBER III.</i>	105 r - 148 v	137 v - 170 v
De Syllabarum dimensione.	105 r - 114 v	137 v - 145 r
DE INCREMENTO SINGVLARI nominis.	114 v - 118 r	145 r - 148 r
DE VERBORVM incremento.	118 v - 121 r	148 r - 149 v
DE VLTIMIS SYLLABIS.	121 r - 138 v	150 r - 162 v
DE CAESURA.	139 r - 140 r	162 v - 164 r
DE VERBIS POETICIS.	140 v	164 r
DE PATRONOMICIS nominibus.	140 v - 145 r	164 r - 168 r
[DE FIGURIS POET.] ^{d)}	145 r - 146 v	168 r - 169 v
DE PROSODIA.	147 r - 147 v	169 v - 170 r
DE GRÆCIS VERBIS.	148 r	170 r - 170 v
DE HABRÆIS VOCIBUS.	148 v	170 v
Errata: In quibus F, folium: A, paginam primam: B, secundam significat.	[I]	-

De um ponto de vista estrutural, parece óbvio que as duas edições da gramática de Álvares são bastante semelhantes. De facto, há apenas um pequeno número de divergências significativas. Como a obra realizada na imprensa jesuíta do Japão não teve de passar pelo mesmo processo de censura que em Portugal, tanto a licença (L73, p. [II]) como o privilégio real (L73, p. [III-IV], nulo desde 1575) não precisavam de ser reproduzidos na edição de Amakusa.

A página com o “ADMONITIO” (A94, 3v) é, no entanto, uma característica única da edição japonesa. O mesmo pode ser dito sobre o capítulo “DE VERBORVM CONIVGATIONE”, no qual a edição japonesa acrescenta os equivalentes das conjugações do latim e do português em japonês romanizado.

Os títulos dos capítulos e os cabeçalhos das páginas de ambas as edições merecem uma atenção especial.

a) [*DE NOMINVM DECLINATIONE*]: Sem um título próprio de capítulo, a gramática começa com o título do subcapítulo “*PRIMA NOMINUM DECLINATIO*” (L73, 1r; A94, 4v), seguido das outras declinações. O verdadeiro título do presente capítulo só pode ser encontrado na *arte grande* (Lisboa, 1572, 1r), enquanto L73 (1v-2r) e A94 (4v-5r) apenas apresentam o título do capítulo, começando com o primeiro cabeçalho das duas primeiras páginas.

b) [*DE PRONOMINVM DECLINATIONE*]: Na falta do título apropriado, o capítulo começa com “*De pronominum primitiuorum declinatione*” (L73, 6r; A94, 8v). O título original do capítulo que precede os *scholia* pode ser encontrado em A94 (7r), sendo, mais uma vez, mencionado apenas após os primeiros cabeçalhos de duas páginas em L73 (5v-6r) e A94 (9v-10r).

c) [*DE CONSTRVCTIONE transitiua verbi*]: Sem qualquer indicação de que este parágrafo é dedicado a outro capítulo, como no primeiro, existe apenas o subcapítulo “*Genitiuus post uerbum*” (L73, 67r). O cabeçalho de página incorreto “*DE CONSTR. INT. VERBI*”, que já pode ser observado nos cabeçalhos correspondentes do capítulo “*DE CONSTRVCTIONE transitiua*

verbi” na *arte grande* (Lisboa, 1572, 125r), é reproduzido coerentemente a partir de L73 (67v-68r).

Ao contrário da edição L73, A94 (102r) apresenta explicitamente um título do capítulo “*DE CONSTRVCTIONE TRANSITIVA VERBI*”, ao mesmo tempo que corrige o cabeçalho da página “*DE CONSTR. TRANSIT. VERBI*” (A94, 102v-103r) em relação às duas edições de Lisboa (1572, 1573).

d) *DE CONSTRVCTIONE VERBI ACTIVI*: Cinco páginas duplas A94 (112v-116r) apresentam o cabeçalho da página “*DE CONSTR. COMMUNI OMNIVM VERBORVM*” que difere dos cabeçalhos “*DE CONSTRVCTIONE VERBI ACTIVI*” (Lisboa, 1572, 133v-159r) e “*DE CONSTRVC, VERBI ACTIVI*” (L73, 73v-85r) das edições de Lisboa.

e) *CONSTRVCTIO VERBI INFINITI*: Não obstante o início do capítulo sobre L73 (81v), o cabeçalho da página continua com o título incorreto “*DE CONSTRVC. VERBI ACTIVI*” para as quatro páginas duplas seguintes (L73, 82v-85r). Neste, L73 (na primeira edição da *arte pequena*) coincide com a edição de 1572, que apresenta o cabeçalho “*DE CONSTRVCTIONE VERBI ACTIVI*” em vários fôlios deste capítulo (Lisboa, 1572, 156r, 156v-157r, 158v-159r). Um fôlio intermédio (Lisboa, 1572, 157v-158r) tem o cabeçalho correto “*DE CONSTRVCTIONE VERBI INFINITIVI*”, que pode ser encontrado nas restantes páginas do capítulo (Lisboa, 1572, 159v-169r).

Após o primeiro cabeçalho “*DE CONSTRVCTIONE VERBI INFINITIVI*” (A94, 116v-117r), este capítulo tem também os cabeçalhos “*DE CONSTRVCTIONE GERVNDIORVM*” (A94, 117v-118r), “*DE CONSTRVCTIONE GERVND. ET SVPIN*” (A94, 118v-119r) e “*DE CONSTRVCTIONE PARTICIPIORVM*” (A94, 119v-120r).

f) À semelhança das primeiras edições de Lisboa (1572, 241v; 1573, 145r), o capítulo “*DE FIGVRIS POETICIS*” não surge separado do capítulo anterior. Em vez disso, o capítulo começa com o título do subcapítulo “*De Metaplasmo*”, enquanto o título do capítulo é apenas indicado nos respetivos cabeçalhos de página (1572, 241v; 1573, 145v-146v).

Do mesmo modo, o que seria o capítulo correspondente em A94 (168r) não tem título próprio, mas apresenta um título semelhante “DE FIGVRIS POET.” (A94, 168r-169r).

Enquanto a Tabela 1 mostra a estrutura das duas edições como sendo a mesma, a disparidade mais evidente reside na paginação. Como a edição de Lisboa (L73) tem [VIII] páginas, seguidas de 148 fólhos e [I] página, a edição de Amakusa (A94) ocupa um total de 170 fólhos. Dado que o texto gramatical é maioritariamente o mesmo sem alterações significativas, a explicação óbvia encontra-se no capítulo acima mencionado sobre a conjugação de verbos. Enquanto em L73 este capítulo ocupa 21 fólhos, em A94 há 50 fólhos, representando assim uma parte considerável da diferença de paginação. Outra razão óbvia é a diferença na composição tipográfica. Enquanto que em L73 normalmente se usa uma tipografia romana normal (vertical) para a maior parte do texto (usando apenas o itálico para o pequeno número de *scholia*, as formas verbais portuguesas e para alguns títulos de capítulo), em A94 a tipografia em itálico¹⁵ é a norma, enquanto que a tipografia vertical é usada principalmente para títulos de capítulo e subcapítulo, comentários marginais, *scholia*, bem como para os paradigmas portugueses e japoneses.¹⁶

Relativamente à paginação, existem alguns erros tipográficos que devem ser destacados. Em L73, o fólho 63 (entre as dobras 62 e 64) surge paginado incorretamente como fólho 93. Além disso, o fólho 69 (entre 68 e 70) é paginado incorretamente como fólho 66. Enquanto que nenhum dos erros

15 O conjunto itálico na edição de Amakusa é o primeiro exemplo do tipo móvel metálico criado no Japão. Todos os sistemas de tipo móvel anteriores - incluindo os latinos e japoneses KANA/KANJI - foram encomendados pela Delegação de *Tensho* a Roma (1582-1590) durante a sua estadia na Europa (cf. TOYOSHIMA, 2010a, 2010b). A edição de Amakusa continua a utilizar o tipo móvel europeu para as letras romanas (verticais), bem como para as maiúsculas.

16 Há também alguma variação na escrita dos títulos dos capítulos que consideramos ser insignificante. Estes casos incluem diferenças no uso de letras maiúsculas ou minúsculas, bem como o uso de *U/V*, devido à aparente falta de letras maiúsculas no conjunto itálico.

anteriores aparece em A94, em A94 o fólho 137 (entre as dobras 136 e 138) é paginado incorretamente como fólho 157.

2.4 Outras provas da relação entre a *arte pequena* e a edição de Amakusa

Para além das semelhanças óbvias na estrutura, várias características que não existem na *arte grande* (Lisboa, 1572) apoiam a relação entre a edição de Amakusa (A94) e a *arte pequena* (L73).

1. O pequeno texto “*Auctor Lectori*” existe tanto em A94 como em L73, mas não aparece na *arte grande*.
2. A menção a modos potenciais “*De modo potentiali et permissiuo, siue concessiuo*” aparece após o conjuntivo de *esse*, em L73 (fol. 12v) e A94 (15v), mas não na *arte grande*.
3. O exemplo apresentado do adjetivo da 3.^a declinação foi “*prudens*” na *arte grande* (6v), mas é substituído por “*felix*” tanto em L73 (5r) como em A94 (7v). Isto é para evitar confusão nas formas genitivas como é afirmado no *scholion*. Embora edições posteriores da *arte grande* (por exemplo, Veneza, 1575; Évora, 1599) também tenham adotado *felix*, este surgiu pela primeira vez na primeira edição da *arte pequena* (L73).
4. Na tradução portuguesa, a 2.^a pessoa do plural do futuro do conjuntivo passivo de *amare* é *Vos fordes amados* em L73 (20v) e A94 (28r), enquanto que *Vos foreis amados* na *arte grande* (35v).

2.5 Edições posteriores da *arte pequena*

Embora a primeira edição da *arte pequena* (L73) tenha semelhanças ao nível da estrutura, não é a única fonte direta para a edição de Amakusa (A94). Comparações com edições posteriores da *arte pequena*, como a edição de Lisboa de 1578 (L78H, uma adaptação espanhola) e a edição de Lisboa de

1583 (L83L, uma adaptação portuguesa), mostram que as revisões foram feitas depois de 1573, algumas das quais se refletem na edição de Amakusa (A94).

1. O *scholion* sobre o *supinum* passa de “*Rudimenta*” (L73, 40v) para uma secção após o verbo *audire* (L78H, 50r; A94, 51v-52v).
2. A ordem dos verbos em “*verba anomala*” e depoentes é *possum fero volo nolo malo fio eo coepi memini noui odi* em L73, mas é *vtor dimetior edo eo memini noui odi coepi novi possum fero volo nolo malo edo fio inquam aio poenior pugnatur* em L78H e em A94.
3. O *scholion* “*Acinaces, is, masculini generis...*” (L78H, 76v; A94, 80v) está em falta em L73.
4. O apêndice ao ablativo da 3.^a declinação de um substantivo é “*Substantiua, is, syllaba finita...*” em L78H (83v) e em A94 (86r), enquanto que foi “*Appelatiua, adiectiuis, similialeges...*” em L73 (52r) e também em L72 (87r) e V75 (p. 201) (a *arte grande*).
5. A citação de Quintilianus em “*De prosodia-de praepositionum tono*” (L72, 243v; V75, p. 522; L78H, 194v; A94, 170r) falta em L73.

A edição de Lisboa de 1578 (L78H), publicada por António Ribeiro, é uma adaptação espanhola da *arte pequena* (L73). Os exemplos são dados em espanhol, não em português, e por isso não podem ser uma fonte direta da edição de Amakusa (A94), na qual são apresentados exemplos em português.

Relativamente à edição de Lisboa de 1583 (L83L), publicada cinco anos depois pela mesma tipografia de António Ribeiro, é uma adaptação portuguesa e apresenta exemplos em português. Contudo, esta L83L também não pode ser a única fonte direta da edição de Amakusa (A94), uma vez que a L83L ostenta diferenças significativas entre a L78H e a A94.

Tanto L78H como L83L têm, após a subsecção sobre os conjuntivos com *cum* para *esse* (por exemplo, *cum sim, cum sis, cum sit*), outra subsecção “*coniunctiui propriae voces hispanae/lusitanae*” (por exemplo, *quanuis sim, sis, sit*; em espanhol: *Aunque yo sea, etc.*, em português *Posto que eu seja, etc.*). Estes conjuntivos com *quanuis* para *esse* não existem na *arte pequena*

original (L73), nem nas edições italianas posteriores (como V88, V92); as edições italianas ignoram estas formas de *quanuis*. Como a edição de Amakusa (A94) tem estes conjuntivos *quanuis* para *esse* (15v), bem como para outros verbos, não provêm da *arte pequena* original de 1573 (L73), nem das fontes italianas, mas provavelmente de fontes ibéricas.

L78H apresenta formas presentes, imperfeitas, perfeitas, mais-que-perfeitas e futuras para *esse* (19v), tal como A94, enquanto L83L dá apenas formas presentes e imperfeitas (17v) e afirma claramente que outros tempos não são usados na língua portuguesa:

Perfecti & plusquamperfecti verbi Substantiui nullae sunt propriae voces Lusitanae. neque enim dicunt: Posto que eu aja aja sido: Posto que eu houuera sido. Pro quibus, iisdem temporibus Indicatiui modi vtuntur. Nam particulae, Posto que; Ainda que: etiam indicatiuum petunt: Posto que fui: Posto que fora (18r).

Quanto ao conjuntivo de *amare* (ativo), L78H dá uma lista completa do presente, imperfeito, perfeito, mais-que-perfeito e futuro (27v-28r), enquanto L83L apresenta o presente, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, mas ignora o futuro, afirmando que é deliberadamente omitido (*praetermisi*): “*Futurum praetermisi, quod semper eodem modo reddatur Lusitane, quacunque praecedente particular*” (24v).

No que diz respeito ao conjuntivo passivo de *amare*, L78H também apresenta um conjunto completo de tempos verbais (31v-32v), enquanto L83L apresenta apenas o presente e o imperfeito, omitindo outros, e afirma claramente que a omissão é intencional: “*Perfecti et plusquamperf. propriis vocibus etiam destituuntur Lusitani: cum hae voces, circuitioque necessario à verbo substantiuo mutuanda sit. Vtemur ergo iis temporibus Indicatiui modi, sicut in verbo Substantiuo diximus*” (29r).

O mesmo acontece com *docere* (ativa L83L, 32v, passiva L83L, 33v), *legere* (ativa, L83L, 35v, passiva L83L, 37v) e *audire* (ativa L83L, 39v, passiva L83L, 42r), em que não são dadas mais explicações. Como a edição

de Amakusa (A94) apresenta quase¹⁷ todos os tempos que são elencados em L78H e omitidos em L83L, a L83L não pode ser a única fonte direta da edição de Amakusa.¹⁸

Até ao momento, não conseguimos identificar uma única fonte direta para a edição da Amakusa (A94), facto que não é uma exceção nas primeiras publicações da Imprensa da Missão Cristã Japonesa dos Jesuítas. Estes não tiveram problemas em traduzir fontes espanholas para japonês - por exemplo, as três traduções das obras de Frei Luis de Granada¹⁹- em que as bases foram retiradas dos originais espanhóis, mas as provas mostram que versões noutras línguas (como o latim) também foram consultadas e incorporadas. Assim, não existe uma única fonte direta para estas edições japonesas, mas várias.

Em resumo, a edição de Amakusa aproxima-se da *arte pequena* da gramática de Álvares, que foi iniciada em 1573 (L73). A edição de Amakusa é influenciada pelas revisões posteriores da *arte pequena* e pode ter incorporado várias edições de adaptação para as línguas espanhola e portuguesa.

2.6 Inovações da edição de Amakusa

Em relação ao original da *arte pequena*, é bastante óbvio que as inovações da edição de 1594 de Amakusa (A94) se encontram nas partes que são dedicadas à língua japonesa. Como sugerido pelo título da gramática, essas inovações são na sua maioria restritas ao capítulo sobre conjugações verbais. Sem qualquer equivalente nas edições originais da

17 A única exceção é a falta do futuro para *esse* (*fuero*) com *Quanus* (A94:15v).

18 É interessante que as colunas portuguesas de A94 têm tempos completos para as conjugações ativas tal como a espanhola L78H, mas, para as conjugações passivas e o verbo substantivo *esse*, só têm colunas para o presente e o imperfeito, faltando todas as outras, tal como na portuguesa L83L.

19 *Fides no dōxi* (1592) é uma tradução japonesa da *Quinta parte de la introducción de la símbolo de la fe* de Frei Luis, *Guia do Pecador* (1599) é traduzido do *Guia de pecadores* espanhol, e *Fides no qiō* (1611) é baseado na *Primera parte de la introducción de la símbolo de la fe*. Todas estas obras de Frei Luis não tinham versões em português nesta época.

gramática jesuíta, existe, contudo, o seguinte texto em A94 (3v), que se dedica exclusivamente a apresentar aos estudantes japoneses uma noção de declinação latina vs. japonesa:

ADMONITIO / CVM ijs, qui in Iapponia, latino idiomati operam impendunt, Patris Emmanuelis Aluari Grammatica institutio necessaria sit in eaque verborum coniugationes Lusitana lingua huius insule hominibus ignota vertatur, ne tyrones in ipso limine peregrini sermonis imperitiæ tædio animum desponderent, Superioribus visum est, vt (ordine quo lib ab auctore editus est, nihil immutato) verborum coniugationibus Iapponicæ voces apponerentur, aliqua que scholia præceptoribus ad latinarum, & Iapponicarum loquutionum vim facilius dignoscendam maximè conducentia, attexerentur. Vale.

A fim de exemplificar as diferenças nos paradigmas verbais, comparar os tempos presente e imperfeito do verbo substantivo *ESSE* (*ser / estar* português) em ambas as edições:

Sum verbum substantiuum modi indicatiui, temporis presentis, numer singularis, personæ primæ, sic declinabitur,

Modi indicatiui tempus præsens,

S VM <i>Eu sou ou estou.</i>	Præteritū imperfectū,
Es, Tu es.	Eram, Eu era ou estava.
Est, Elle be;	Eras, Tu eras.
<i>Plurali numero.</i>	Erat, Elle era.
Sumus, Nos somos.	Pl. Eramus, Nos eramos.
Estis, Vos sois.	Eratis, Vos eratis.
Sunt. Elles sam,	Erant. Elles eram.

Figura 1. L73 (Lisboa, 1573): 9r

¶ Modi indicatiui tempus præsens.

¶ Sum,	Vere	} De:u, A, yu.	} ¶ E:u: f:u: c:ue:st:ou.		
Es,	Nangi			De:u, A, yu.	¶ T:ue: s: cu: e:st:as.
Est,	Are			De:u, A, yu.	¶ El:le: h: e: c:ue:st:as.
Plurali numero.					
Sumus,	Vareia	} De:u, A, yu.	} ¶ No: s:om:os: cu: e:st: i: n:os:.		
Estis,	Nangia			De:u, A, yu.	¶ Vo: lo:is: cu: e:st:is.
Sunt,	Areia			De:u, A, yu.	¶ El:le: s:unt: ou: e:st:õ.

Figura 2. A94 (Amakusa, 1594): 12v.

Obviamente, a inovação da edição de Amakusa é a introdução da coluna do meio que separa as conjugações do latim das portuguesas. Enquanto L73 oferece apenas o exemplo do verbo *ser*, exceto para o correspondente *estar* na primeira pessoa do singular, A94 apresenta as conjugações completas dos verbos *ser/estar*. Nota-se também alguma variação ortográfica, como em “*eramos*” ~ “*èramos*”, “*eram*” ~ “*eraõ*”.

Para além dos paradigmas verbais trilingues, durante este capítulo, a edição de Amakusa mostra a existência de alguns *scholia*, aparentemente destinados a ter em consideração a realidade linguística japonesa em comparação com os factos latinos ou portugueses que são apresentados na gramática.

Impresso na margem direita da página (junto ao paradigma bilingue) encontra-se o seguinte texto em L73 (9v), que é o único *scholion* dedicado aos tempos indicativos do verbo substantivo para ‘sobreviver’ à transição da *arte grande* para a *arte pequena*:²⁰ “*Si quis de Varronis sententia volet futurum perfectum, siue exactum adiungere, sic in Lusitanum conuertat, licebit. Fuero: Ia então eu serei, ou estarei*”.

20 O *scholion* original pode ser encontrado em Álvares (1974, 12r). A frase portuguesa mostra pequenas diferenças ortográficas: “*Ia entam eu serei, ou estarei*”.

A edição japonesa acrescenta o que parece ser uma nota marginal para um *scholion* dedicado principalmente a considerações sobre os equivalentes japoneses da conjugação latina:

SI quis de Varronis sententia volet futurum perfectum, siue exactum adiungere, sic in Iapponicum conuertat, licebit. Fuero: Mo faya de arōzu. A, atte. arōzu. lus. Ia eu então serei, ou estareiei.

Huic verbo Substantiuo Sum, hæc feré verba Iapponica respondent, Aru, goza u, naru, yru, voru, voriaru, vogiaru, maximasu, sōrō, fanberu, nari, &c. & ex his ea, quibus particulae, Ni, Nite, De, præponuntur, vt Nite aru, gozaru, &c. Aliqua circa indicatiuum, & reliquos modos hîc possent adnotari, quæ in prima verborum coniugatione reperientur diffusè (ÁLVARES, 1594, 13 r).

Não só a mudança de posição do pronome pessoal na frase portuguesa ‘*Ia eu então serei, ou estarei*’, mas ainda mais a conclusão acima mencionada do paradigma português de *estar*, bem como as mudanças ortográficas, levam-nos a acreditar que os editores da edição de Amakusa podem ter sido falantes nativos de português ou, pelo menos, quase nativos.

Conclusão

Mostrámos que a edição de Amakusa de 1594 da gramática de Manuel Álvares foi, de facto, elaborada a partir da base da mesma tradição gramatical da *arte pequena*, iniciada em 1573. As semelhanças estruturais - e especialmente as idiossincrasias que se devem à omissão dos títulos dos capítulos, juntamente com os *scholia* acrescentados desde Álvares (1573) - entre a primeira edição portuguesa e a primeira edição estrangeira da gramática jesuíta abreviada, não deixam dúvidas de que o editor da edição de Amakusa deve ter utilizado uma edição (ou edições) das edições de Lisboa da *arte pequena*. Como a edição de 1594 se destinava a ser utilizada nas aulas de latim num contexto missionário, o uso da gramática concisa num

formato reduzido fazia todo o sentido; afinal, foi por isso que os superiores da Companhia de Jesus pediram a Álvares que preparasse esta edição.

Fiel ao desenho da gramática jesuíta, o editor da edição de Amakusa acrescentou os equivalentes japoneses aos paradigmas dos verbos latinos e portugueses, bem como alguns *scholia* alterados ou mesmo novos que oferecem comentários sobre a língua japonesa. A par desta valiosa informação metalinguística sobre a gramática japonesa, a variação ortográfica das palavras da gramática portuguesa (em relação às edições impressas em Lisboa) podem ser alvo de um estudo interessante.

Como resultado do exposto acima, parece que algumas considerações acerca da edição de Amakusa realizadas por alguns estudiosos devem ser repensadas, especialmente quando identificam apenas a edição de Lisboa de 1572 (a *arte grande*) como a fonte da gramática. Por exemplo, no recente livro de Otto Zwartjes sobre linguística missionária portuguesa, a gramática em questão é apresentada da seguinte forma:

The Japanese Amakusa edition of the grammar of Álvares generally follows the same structure as the first edition of 1572; but there are some significant differences: the editors of the Japanese edition adapted the grammar for Japanese students, offering bilingual Latin-Japanese paradigms [...]. In the Amakusa edition, the grammar of Álvares is no longer a monolingual work designed simply for the teaching and learning of Latin (ZWARTJES, 2011, p. 100-101).

Embora seja verdade que a edição de Amakusa segue a estrutura da edição de Lisboa de 1572, mostrámos que a verdadeira filiação deve ser a edição de 1573 (a *arte pequena*). Parece, contudo, haver uma conceção errada dos paradigmas na gramática de Álvares (1594). Como vimos, estes são claramente trilingues (latim, japonês e português), da mesma forma que os paradigmas verbais das edições de Lisboa são bilingues (com latim e português). Com certeza, o número de exemplos portugueses e de frases e explicações dedicadas ao português perderam-se no decurso da redução

da maior parte dos *scholia* quando a edição de Álvares (1573) foi preparada. Mesmo assim, a presença da língua portuguesa é inquestionável no capítulo *De verborvm coniugatione*.

Outros estudos que ligam a edição de Amakusa à sua verdadeira fonte, a *arte pequena*, parecem ser bastante promissores, sendo que o mesmo se aplica em relação a edições semelhantes da gramática de Álvares noutros países.

Referências bibliográficas

ACL (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA). **Bibliografia geral portuguesa**. Vol III, Século XVI. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

ÁLVARES, Manuel. **EMMANVELIS / ALVARI È SO- / CIETATE IESV / DE INSTITVTIONE / grammatica / libri tres. // olyssipone. / Excudebat Ioannes Barrerius / Typographus Regius. / M. D. LXXII. (4^o, [VIII] pp., 248 fols.)**, 1572 [Biblioteca nacional de Lisboa: RES. 1242 P]. (GRAMÁTICA LATINA: FACSIMILE DA EDIÇÃO DE 1572, COM INTRODUÇÃO DO DR. J[OSÉ] PEREIRA DA COSTA. FUNCHAL: JUNTA GERAL DO DISTRITO AUTÓNOMO DO FUNCHAL., 1974)

ÁLVARES, Manuel. **EMMANVELIS / ALVARI È SOCIE- / TATE IESV / DE INSTITVTIONE / GRAMMATICA / LIBRI TRES. // OLYSSIPONE. / Excudebat Ioannes Barrerius / Typographus Regius. / M. D. LXXIII. / Cum Priuilegio, (8o, [VIII] pp., 148 fols., [I] págs.)**, 1573, Biblioteca geral da Universidade de Coimbra: VT-18-7-3.

ÁLVARES, Manuel. **EMMANVELIS / ALVARI È / SOCIETATE / IESV, / De Institutione Grammatica / Libri Tres. // VENETHIS, / APVD IACOBVM VITALEM. / M. D. LXXV, (4o, 526 pp., Errata 1 pag.)**, 1575, cópia privada do Editor.

ÁLVARES, Manuel. **EMMANVELIS / ALVARI È / SOCIETATE / IESV, / DE INSTITVTIONE / GRAMMATICA / LIBRI TRES. // OLYSSIPONE, / Excudebat Antonius Riberius, expensis / Ioannis Hispani Bibliopolae. / Cum facultate Inquisitorum. / 1578. (8o, 195 ff.)**, 1578. Biblioteca de la Universidad Comptulense.

ÁLVARES, Manuel. **EMMANVELIS/ALVARI E /SOCIETATE /IESV, / DE INSTITVTIONE/GRAMMATICA/LIBRI TRES. //OLYSIPPONE, / Excudebat Antonius Riberius, expensis/ Ioannis Hispani Bibliopolae./ Cum facultate Inquisitorum. / 1583. (8o, 188 ff.), 1583. Biblioteca Nazionale Centrale di Roma: 204.23.D.13.**

ÁLVARES, Manuel. **EMMANVE-/LIS ALVARI ES-/CIETATE IESV / DE INSTITVTIONE GRAMMATICA / LIBRI TRES. / Coniugationibus accessit interpretatio / Iapponica. // IN COLLEGIO AMACV- / SENSI SOCIETATIS IESV / CUM FACVLTATE SVPERIORVM. / ANNO M. D. XCVIII, (4o, 170 fols.), 1594. Biblioteca pública de Évora: Res. 63, Biblioteca Angelica (Roma): Rari I 5.3.**

ÁLVARES, Manuel, VELÊS, António. **EMMANVELIS / ALVARI, E SOCIE- / TATE IESV / DE INSTITVTIONE GRAMMATICA / LIBRI TRES, / ANTONII VELLESI, EX EADEM SOCIETATE IESV / IN EBORENSI ACADEMIA PRÆFECTI STVDIORVM / OPERA, Aucti, & illustrati. // EBORAE / Excudebat Emmánuel de Lyra Typographus. / Cum facultate Inquisitorum, & Ordinarij. / M. D. XCIX, 1599.**

ASSUNÇÃO, Carlos. **A Gramática Latina do P. e Manuel Álvares. Série Ensaio 13. Vila Real: UTAD, 1997.**

ASSUNÇÃO, Carlos C.; TOYOSHIMA, Masayuki. **Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de Institutione Grammatica Libri Tres: Coniugationibus accessit interpretatio Iapponica, In collegio Amacusensi Societatis Iesu cum facultate superiorum, Anno MDXCIII. Edição e introdução. Tóquio: Livraria Yagi, 2012.**

BACKER, Augustin de; BACKER, Aloys de; SOMMERVOGEL, Carlos. **Bibliothèque de la Compagnie de Jésus: première partie-bibliographie. Vol. 9. Brussell: O. Schepens, 1890-1916.**

CARDOSO, Simão. **Historiografia gramatical (1500-1920). Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1994.**

DOI, Tadao (土井忠生). 長崎版日本文典と天草版拉丁文典 [A gramática de Rodrigues e as edições de Amakusa da gramática de Álvares]. 史学[Tokyo: *Shigaku*, Universidade de Keio], 12-2 , p. 71-106, 1933.

FUKUSHIMA, Kunimichi [福島邦道]. キリシタン資料と国語研究 [Estudos em linguística japonesa com primeiros documentos cristãos]. 笠間書院 [Tóquio: Kasama-shoin], 1973.

GEHL, Paul F. Religião e Política no Mercado do Livro: Os Jesuítas e os seus Rivais. **Documentos da Sociedade Bibliográfica da América**, 97, p. 435-460, 2003.

GOMEZ GOMEZ, Juan Maria. **Emmanuelis Alvari e Societate Iesv De Institvtione Grammatica liber secvndus: De octo partivm orationis constrvctione. Estudio, edicion critica, traduccion, notas e índices**. 2002. Universidad de Extremadura, Cáceres. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=27062>. Acesso em: 14 de janeiro de 2016.

IKEN, Sebastião. Index totius artis (1599-1755): algumas reflexões sobre o índice lexicográfico latino-português da gramática de Manuel Álvares, elaborado por Antonio Velez. In: KEMMLER, Rolf, SCHAFFER-PRIES, Barbara e SCHONBERGER, Axel (Eds.). **Estudos de História da Gramaticografia e Lexicografia Portuguesas**. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, p. 53-83, 2002.

MATOS, Manuel Cadafaz de. A tipografia quincentista de expressão cultural portuguesa no oriente: veículo de propagação dos ideias humanísticos. **Humanitas**, 43-44, p. 153-171, 1993.

KEMMLER, Rolf. The personal involvement of the grammarian Manuel Álvares in the dissemination of the *De institutione grammatica libri tres* in Spain. In: BATTANER MORO, Elena, CALVO FERNÁNDEZ, Vicente, e PEÑA, Palma (eds.). **Historiografía lingüística: líneas actuales de investigación**. Münster: Nodus Publikationen, p. 512-524, 2012.

KEMMLER, Rolf. De institvtione grammatica libri tres (Lisboa, 1573): A edição princeps da ars minor de Manuel Álvares. **Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos**, 17, 1, p. 43-58, 2014.

KEMMLER, Rolf. The First Edition of the ars minor of Manuel Álvares' De institvtione grammatical libri tres (Lisbon, 1573). **Historiographia Linguistica**, 42, 1, p. 1-19, 2015.

LUSODAT. **Padre Manuel Álvares - Gramática - edições completas ou parciais**. Disponível em: <http://www.ghtc.usp.br/server/Lusodat/pri/02/pri02145.htm>. Acesso em: 9 janeiro de 2015.

PONCE DE LEON ROMEO, Rogelio. Las propuestas metodologicas para la ensenanza del latino en las escuelas portuguesas de la Compania de Jesus a mediados del siglo XVI. **Cuadernos de Filología Clásica: Estudios latinos**, 19, p. 233-257, 2000.

PONCE DE LEON ROMEO, Rogelio. **Aproximación a la obra de Manuel Álvares: edicion critica de sus *De institutione grammatica libri tres***. 2002. Tese de doutoramento. Universidad Complutense, Madrid. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/5134>. Acesso em: 14 de janeiro de 2015.

PONCE DE LEON ROMEO, Rogelio. La difusion de las artes gramaticales latino-portuguesas en Espana (siglos XVI-XVII). **Península: Revista de Estudos Ibéricos**, 0 [sic], p. 119-145, 2003.

PONCE DE LEON ROMEO, Rogelio. El Álvarez trasladado: el romance en las ediciones quinientistas portuguesas, castellanas y catalanas de los *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) de Manuel Álvares S.I. In: FERNANDEZ PEREZ, Milagros (ed.). **Actas del VI Congreso de Lingüística General** (Santiago de Compostela, 3-7 de mayo de 2004), Madrid: Arco / Libros, p. 2975-2985, 2007.

SPRINGHETTI, Emilio. Storia e fortuna della grammatica di Emmanuele Álvares, S.J. **Humanitas**, Coimbra, p. XIII-XIV, 1961-62.

TOYOSHIMA, Masayuki. O tipo de letra KANJI da fase anterior da imprensa da Missão Jesuíta Japonesa. **Kokugo to Kokubungaku** [Kokugo to Kokubungaku] Tóquio, H22-3, p. 45-60, 2010a.

TOYOSHIMA, Masayuki. Base-de-datos de dicionários portugueses para el estudo de la historiografía de la lengua japonesa de mil quinientos. In: ASSUNÇÃO, Carlos, FERNANDES, Gonçalo, e LOUREIRO Marlene (eds.). **Ideias Linguísticas na Península Ibérica** (séc. XIV a séc. XIX), vol. 2. Münster: Nodus Publikationen, p. 865-875, 2010b.

VERDELHO, Telmo. **As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas**. Aveiro: INIC, 1995.

YAMAZAWA, Takayuki [山沢孝至]. 天草版『ラテン文典』研究序説-概論的考察- [Uma pesquisa introdutória sobre a edição Amakusa da gramática-genérica latina de Álvares]. **Kobe miscellany** (Universidade de Kobe, Kobe, Japão), 30, p. 1-33, 2006.

YAMAZAWA, Takayuki [山沢孝至]. 天草版『ラテン文典』の羅和对訳文について [Latin-Japanese bilingual examples in the Amakusa edition of Álvares' Latin grammar]. **Kobe miscellany** (Universidade de Kobe, Kobe, Japão), 31, p. 31-46, 2008.

ZWARTJES, Otto. **Gramáticas missionárias portuguesas na Ásia, África e Brasil, 1550-1800**. Amesterdão: John Benjamins, 2011.